

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA, PRÁTICAS CIDADÃS E FORMAÇÃO DE JORNALISTAS EM FLORIANÓPOLIS (SC)

Community Communication, Civic Practices, and Journalist Training in Florianópolis (SC)

Comunicación comunitaria, prácticas ciudadanas y formación de periodistas en Florianópolis (SC)

Melina de la Barrera Ayres

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis - SC, Brasil
melina.ayres@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6092-9813> 

Magali Moser

Universidade do Estado de Santa Catarina
Florianópolis - SC, Brasil
magali.moser@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5109-1171> 

Resumo: O que significa implementar a comunicação comunitária como parte da formação de graduandos/as em Jornalismo e como prática cidadã? Este artigo busca responder esta questão a partir das experiências desenvolvidas na disciplina Jornalismo Comunitário do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2022. Para tanto, apoia-se nos documentos elaborados na disciplina, nas vivências docentes e nos relatos dos/as discentes e educandos/as no decorrer do processo. O trabalho junto às comunidades vulnerabilizadas foi possível a partir de parceria com Organizações da Sociedade Civil (OSCs) que oferecem propostas socioeducativas no contraturno escolar em Florianópolis (SC). A discussão apresentada se fundamenta na Práxis Dialógica de Paulo Freire (1996), concebendo a comunicação como uma dimensão social, valorativa e simbólica, um processo de troca de saberes. Os aprendizados alcançados podem contribuir para a implementação de projetos e iniciativas semelhantes em outros espaços e contextos.

Palavras-chave: Comunicação Comunitária; Cidadania; Formação Superior.

Abstract: What does it mean to implement community communication as part of the training of Journalism undergraduates and as a civic practice? This article aims to answer this question based on the experiences developed in the Community Journalism course of the Journalism program at the Federal University of Santa

Catarina (UFSC) in 2022. To this end, it relies on documents produced in the course, teaching experiences, and the accounts of students and learners throughout the process. The work with vulnerable communities was made possible through partnerships with Civil Society Organizations (CSOs) that offer socio-educational programs during extracurricular hours in Florianópolis (SC). The discussion presented is grounded in Paulo Freire's Dialogic Praxis (1996), understanding communication as a social, value-based, and symbolic dimension—a process of knowledge exchange. The lessons learned can contribute to the implementation of similar projects and initiatives in other spaces and contexts.

Keywords: Community Communication; Citizenship; Higher Education.

Resumen: ¿Qué significa implementar la comunicación comunitaria como parte de la formación de estudiantes de periodismo y como una práctica ciudadana? Este artículo busca responder esta pregunta a partir de las experiencias desarrolladas en la asignatura Periodismo Comunitario de la carrera de Periodismo de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC) en 2022. Para ello, se apoya en los documentos elaborados en la asignatura, en las experiencias docentes y en los relatos de los estudiantes y aprendices a lo largo del proceso. El trabajo con comunidades en situación de vulnerabilidad fue posible gracias a la colaboración con Organizaciones de la Sociedad Civil (OSC) que ofrecen propuestas socioeducativas en horario extracurricular en Florianópolis (SC). La discusión presentada se fundamenta en la Práctica Dialógica de Paulo Freire (1996), concibiendo la comunicación como una dimensión social, valorativa y simbólica, un proceso de intercambio de saberes. Los aprendizajes alcanzados pueden contribuir con la implementación de proyectos e iniciativas similares en otros espacios y contextos.

Palabras clave: Comunicación Comunitaria; Ciudadanía; Educación Superior.

Introdução

No Brasil, assim como em outras nações latino-americanas, o Jornalismo popular, alternativo e comunitário está atrelado às lutas das classes populares pela democratização da informação e por direitos. Essas formas de comunicação desafiam as práticas midiáticas dominantes e se fortalecem como possibilidades de autonomia para comunidades marcadas por exclusões frente aos limites das mídias *mainstream*, como constata Cicília Peruzzo (2024). Ao refletir sobre a necessidade de uma comunicação emancipadora e progressista como forma de transformação social, a autora relembra a relevância da obra de Paulo Freire que, embora não tenha sido criada pensando especificamente no campo da comunicação, traz aportes que permitem o embasamento para alcançar a dimensão transformadora dessa práxis, propondo uma comunicação que vá além da transmissão de informações. Na defesa de um processo dialógico e horizontal, inspira a concepção de uma comunicação que fomente a conscientização crítica e a participação ativa dos sujeitos na produção e recepção de conteúdo, com base nos princípios da educação libertadora.

Ao estudar a produção acadêmica da área da Comunicação popular, alternativa e comunitária no período compreendido entre 1972 e 2012, Otre (2016) destaca, entre outras questões, a relação entre produção e militância. Para a autora, o surgimento de movimentos sociais, que seu deu no contexto dos regimes políticos autoritários e violentos na América Latina, foi fundamental “na organização da sociedade civil por meio de uma comunicação

que buscava romper com o cerceamento das liberdades, garantir cidadania e dar autonomia, possibilidade de participação” (Otre, 2016, p. 45).

As décadas de 1970 e 1980 marcaram o processo de construção de alternativas de comunicação. Se houve avanços consideráveis de lá pra cá, inclusive com o incremento de novos agentes nesse cenário, com a internet e as redes sociais, a luta por direitos elementares como acesso à informação, permanece. Talvez, uma das principais mudanças observadas diante do fenômeno da comunicação comunitária nos últimos anos seja a apropriação feita pelos grupos sociais de recursos e tecnologias digitais, permitindo o alcance de públicos mais amplos e heterogêneos. Esse movimento em parte busca responder a realidade apontada por Gonsalez quando destaca que há um “[...] contingente enorme de pessoas completamente desassistidas do ponto de vista comunicacional em seus problemas, realidades e locais de fala” (2022, p.14). E a comunicação comunitária, entendida como uma comunicação do povo para o povo, quebrando a lógica hegemônica de construção e circulação de informação “[...] torna-se uma ferramenta educativa e democrática na produção de comunicação ao melhorar as condições de vida de grupos e comunidades” (Gonsalez, 2022, p. 34). Por outro lado, é preciso reconhecer que as tecnologias digitais, a internet e as redes sociais trouxeram novas nuances, desafios e complexidades, com implicações profundas em todo o ecossistema comunicacional.

Neste cenário, o Jornalismo ganha um potencial de ainda maior relevância ao se aproximar de comunidades vulnerabilizadas, periféricas e/ou tradicionais, onde os direitos dos/as cidadãos/ãs são desrespeitados. Carvalho (2002) dialoga com o sociólogo britânico Thomas H. Marshall (1967) reforçando as três dimensões estruturantes do conceito de cidadania: os direitos civis, políticos e sociais. A impossibilidade de acesso a uma dessas instâncias gera uma “cidadania incompleta”, usando as palavras do autor. Isso porque cada um dos direitos citados assegura uma dimensão da cidadania. Entendendo a própria ideia dos direitos, e, por consequência, de cidadania, como um fenômeno resultante de um processo histórico, o autor entende que “o cidadão pleno seria aquele que fosse titular dos três direitos. Cidadãos incompletos seriam os que possuísem apenas alguns dos direitos. Os que não se beneficiassem de nenhum dos direitos seriam não-cidadãos” (Carvalho, 2002, p. 9). Quando o acesso à informação é restrito – seja por censura, desinformação ou exclusão digital –, há um comprometimento da cidadania, tornando-a incompleta.

Neste contexto, a Comunicação é entendida como um elemento constituinte dos Direitos Humanos, compreendendo-a não só como direito a ser informado, mas como o direito a participar do processo de comunicação, mantendo um diálogo democrático

(Unesco, 1983). Há um papel fundamental da informação na construção da cidadania e no acesso aos direitos civis, políticos e sociais. A comunicação, como um processo social estruturante, pode tanto fortalecer a cidadania quanto contribuir para sua precarização. Como argumenta Peruzzo, a comunicação popular e comunitária

Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa (2009, p. 49-50).

Esse tipo de comunicação, também se configura por ser local e a noção de território geográfico deixa de ser determinante. “Para lá das dimensões geográficas, surge um novo tipo de território, que pode ser base cultural, ideológica, idiomática, de circulação da informação etc.” (Peruzzo, 2005, p. 74). Nesse sentido, “dimensões como as de familiaridade no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, valores, religião etc.) e de proximidade de interesses (ideológicos, políticos, de segurança, crenças etc.) são tão importantes quanto as de base física” (Peruzzo, 2005, p. 74). Esses elementos são capazes de proporcionar elos culturais e laços comunitários, transcendendo a delimitação geográfica.

Partindo de todo este contexto do Jornalismo popular, alternativo e comunitário no Brasil, o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, Santa Catarina, oferece a disciplina Jornalismo Comunitário em sua grade obrigatória desde 2018. A disciplina se direciona a estudantes matriculados/as no sexto semestre, com a proposta de estudar e produzir produtos comunicacionais junto a comunidades em contextos periféricos, tendo em vista a Comunicação e o Jornalismo como ferramentas emancipatórias.

Cabe destacar que Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, costuma ser lembrada pelos indicadores sociais favoráveis e positivos sintetizados no *slogan* disseminado no imaginário social como “ilha da magia”, entretanto, convive com um cenário de profundas desigualdades e muitos contrastes, como o restante do país. Embora possam parecer recentes, as comunidades empobrecidas e favelas acompanham a história da cidade (Sugai, 2002). Os primeiros registros destes territórios remetem ao início do século

XX, com as ocupações em torno da região central, na parte oeste do maciço do Morro da Cruz¹.

Tal constatação reforça a importância da iniciativa, tanto para as comunidades com as quais a disciplina trabalha, muitas vezes alheias ao Jornalismo praticado de forma hegemônica no contexto brasileiro; quanto para os/as estudantes do curso, para muitos/as dos/as quais, o primeiro contato direto com essas áreas e com moradores dessas regiões. Esse processo de desconstrução de certos preconceitos e imaginários é parte fundamental dessa interação, inclusive permitindo novas leituras e interpretações sobre a realidade social na qual se insere o curso. No período entre 2020 e 2022, a disciplina construiu um importante vínculo com a comunidade do Morro do Mocotó, através do trabalho desenvolvido junto à Associação de Amigos da Criança e do Adolescente do Morro do Mocotó (ACAM). Esse vínculo se fortaleceu a partir do segundo semestre de 2022, com o retorno das atividades presenciais. Nesse ano, a disciplina passou a atuar também na comunidade do Monte Cristo, na região continental da cidade, junto ao Centro de Educação Popular (CEDEP). As duas Organizações da Sociedade Civil (OSCs) oferecem propostas socioeducativas e estão vinculadas à Rede do Instituto Vilson Groh (IVG).

Este artigo reflete sobre esta experiência desenvolvida nas duas comunidades durante o período compreendido entre 19 de agosto e 16 de dezembro de 2022, e parte da pergunta disparadora: O que significa implementar a comunicação comunitária como parte da formação de graduandos/as em Jornalismo e como prática cidadã em Florianópolis (SC)?

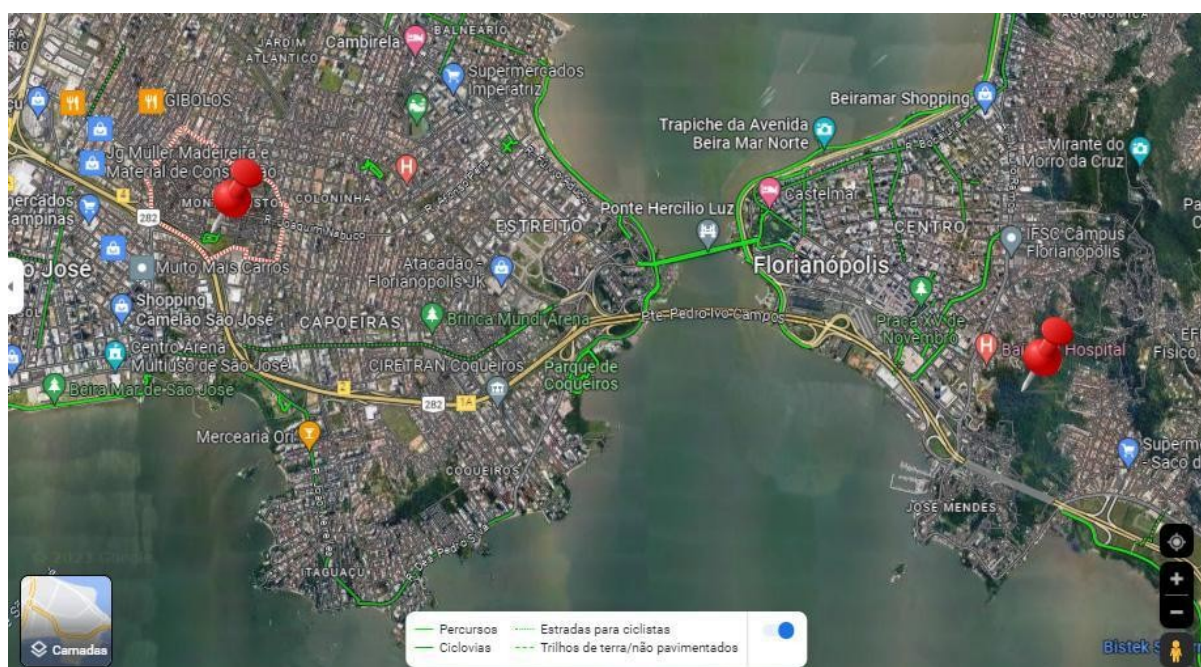
Para respondê-la, a metodologia adotada apoia-se nas vivências pessoais das docentes, nos relatos dos/as discentes e educandos/as no decorrer do processo e nos documentos elaborados na disciplina, entre eles: planos de ensino, registros de classe, diagnósticos comunicacionais desenvolvidos pelos/as graduandos/as, assim como seus diagnósticos iniciais e relatórios finais. A discussão aqui apresentada se fundamenta na Práxis Dialógica de Paulo Freire (1996), concebendo a comunicação como uma dimensão social, valorativa e simbólica, um processo de troca de saberes populares, técnicos e científicos. Compreende, ainda, as aproximações possíveis entre os campos da Educação e do Jornalismo, nos processos de disseminação do conhecimento. Deste modo, a perspectiva freireana contempla a possibilidade de uma transformação das pessoas

¹ De acordo com dados divulgados pela prefeitura municipal de Florianópolis, conforme se consta no relatório cujo link está disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/22_11_2011_17.23.25.defd0b90d23c5d2b34648aba948b69c9.pdf Acesso em mar/2023.

envolvidas direta ou indiretamente com esses processos de comunicação em suas diversas dimensões e vertentes. Freire (1996) se mostra uma referência fundamental para pensar a comunicação comunitária tratada aqui justamente porque permite o embasamento da autonomia oferecida por essas práticas. Acredita-se que esse seja um dos diferenciais proporcionados por essas experiências em comparação a outras práticas jornalísticas.

Organizações, comunidades e territórios

Figura 1 - Mapa da Região Central de Florianópolis, com a marcação vermelha indicando, à esquerda, a localização do CEDEP, à direita, a localização da ACAM.



Fonte: Adaptado do GoogleEarth (das autoras, 2023),

[Descrição da imagem] Print de tela do GoogleEarth com mapa da Região Central de Florianópolis. À esquerda, na área continental, a marcação vermelha indica a localização do CEDEP. À direita, na área insular, a marcação indica a localização da ACAM [Fim da descrição].

ACAM e CEDEP são entidades que atuam no contraturno escolar em comunidades socialmente vulneráveis e em risco social, desenvolvendo ações educativas e pedagógicas voltadas à garantia dos direitos das crianças, adolescentes e jovens de Florianópolis (SC). O caráter das atividades realizadas visa ao fortalecimento dos vínculos familiares, comunitários, bem como o protagonismo social dos sujeitos a quem, de modo geral, têm sido negadas as oportunidades de desenvolver o seu potencial em consequência do processo de exclusão social. A faixa etária do atendimento é dos seis aos 17 anos, tendo como critério de participação a frequência escolar.

A ACAM direciona suas ações à crianças e adolescentes, moradores/as do Morro do Mocotó. As atividades junto à disciplina de Jornalismo Comunitário contemplam adolescentes entre 11 e 17 anos. Ao frequentar o projeto oferecido pela ACAM, estes jovens podem experimentar uma nova maneira de se relacionar, onde sua cultura e história são respeitados, num cotidiano que investe na vivência de valores humanos e no resgate da cultura da infância.

O Morro do Mocotó, comunidade sede da instituição, integra o Maciço do Morro da Cruz, formado por 17 comunidades, que abriga mais de 20 mil pessoas na região central de Florianópolis (Prefeitura de Florianópolis, 2008). O Morro do Mocotó faz parte de um dos bolsões de pobreza existentes na parte central insular da cidade, na encosta do Morro da Cruz. Historicamente, a região começou a ser habitada no século XVIII por pessoas que fugiram da escravização e por desabrigados/as pelas obras de modernização do centro da cidade. O nome do Morro do Mocotó decorre dos ensopados de mocotó, feitos pelas moradoras para vender aos trabalhadores da Ponte Hercílio Luz - cartão postal da cidade - no período de construção, entre os séculos XIX e XX.

O Morro do Mocotó carrega um estigma associado à violência. As ações policiais no local chamam a atenção em contraponto a outros bairros. No Mocotó, existe uma forte identificação dos/as moradores/as com o território – é comum que as pessoas nasçam, cresçam, se casem e continuem na comunidade.

O CEDEP é uma organização da sociedade civil que atende crianças, adolescentes, jovens e adultos do bairro Monte Cristo. Localizado na região continental de Florianópolis, formado por nove comunidades, o bairro foi criado na década de 1980 pelos movimentos dos sem-teto, que contavam com uma forte organização, o que lhes permitiu evocar a união da coletividade e o sentimento de pertencimento ao espaço. De acordo com Canella, “Organizados pelo CAPROM (Centro de Apoio e Promoção ao Migrante), instituição criada por religiosos da Igreja Católica, o movimento dos sem-teto trazia toda a experiência e ideologia das comunidades eclesiais de base e pastorais” (2013, p. 244). Contudo, conforme o autor, na década de 1990 ocorreu um “significativo esvaziamento dos espaços de organização coletiva [...] as ruas foram gradativamente se esvaziando, cedendo lugar ao medo coletivo e às reclamações entre vizinhos[...]” (2013, p. 245), passaram a dominar os relatos de violência e medo.

Em 1991, graças à mobilização popular nasceu o projeto Oficinas do saber, com experiências didático-pedagógicas voltadas para as crianças da região, atendidas no contraturno. Da consolidação dessa iniciativa foi criado o CEDEP, em 2005. Hoje o CEDEP

atende a 700 pessoas através de dois programas: Semeando Conhecimento, voltado para crianças e adolescentes; e Cultivando a Comunidade, direcionado a projetos que buscam o desenvolvimento territorial, suprimindo demandas dos moradores tais como saúde, geração de renda, segurança alimentar, formação profissional, etc. A instituição tem um papel central na região, considerada uma das mais empobrecidas da área continental da cidade.

As atividades desenvolvidas junto à disciplina Jornalismo Comunitário se vinculam ao primeiro programa e se realizam com adolescentes entre 11 e 17 anos, dentro da proposta da oficina de educomunicação oferecida regularmente pela OSC. A parceria com a UFSC se deu a partir de uma demanda do CEDEP, que desejava criar uma rádio comunitária. No primeiro semestre de 2022, a Associação de Professores da UFSC (Apufsc) doou os equipamentos para a criação da primeira rádio web, e o curso de Jornalismo da UFSC assumiu o compromisso de capacitar a comunidade para o pleno aproveitamento do meio. Assim, no segundo semestre de 2022 realizou-se a primeira experiência de trabalho coletivo com os/as graduandos/as do Curso de Jornalismo.

Práticas comunicativas

O primeiro contato entre educandos/as da ACAM e CEDEP com os/as estudantes da sexta fase do curso de Jornalismo ocorreu dia 21 de outubro de 2022, quando, pela primeira vez, os/as adolescentes visitaram o Departamento de Jornalismo da UFSC. A visita aos laboratórios de áudio, vídeo e fotojornalismo possibilitou uma aproximação entre o curso de Jornalismo e estudantes da disciplina, com os jovens que realizaram as atividades e oficinas relacionadas à prática jornalística.

Este encontro foi um marco na relação entre os grupos: Primeiro porque colocou os/as estudantes de Jornalismo no papel de anfitriões, permitindo-lhes pensar como desejavam abrir as portas do Curso (e da Universidade) para adolescentes que muitas vezes sequer vislumbram a possibilidade de ocupar esse espaço. Os/as graduandos/as organizaram a atividade de recepção e escolheram preparar um café da manhã em estilo aniversário (com direito a bolo, salgadinhos e refrigerante) para acolher os visitantes. Também planejaram as atividades desenvolvidas em cada um dos laboratórios ao longo da manhã, participando ativamente de todo o processo de decisão. Em segundo lugar, é preciso considerar que muitos dos/as educandos/as das entidades atendidas jamais tinham ido até a universidade, embora vivam próximo do local.

Entende-se que este ponto ressalta a relevância da iniciativa, servindo não apenas de aproximação, mas, de certa forma, de quebra de paradigma, apresentando aos/as adolescentes um espaço que também lhes pertence. O encontro permitiu que estes jovens vivessem a universidade e vissem parte do que ela as pode oferecer. A experiência nos laboratórios possibilitou que se aproximassem dos diferentes meios jornalísticos não mais como público, mas como protagonistas, no papel de produtores/as, reconhecendo suas potencialidades. A estratégia se mostrou acertada à medida que alguns deles/delas demonstraram interesse em se tornar estudantes na universidade, posteriormente. Também houve muitos pedidos para que se fizesse uma segunda visita à UFSC, medida impossibilitada pelo calendário. Em terceiro lugar, permitiu a interação entre educandos/as de instituições distintas, fomentando, igualmente, a troca de vivências e experiências.

Após este encontro conjunto, o grupo de graduandos/as se dividiu em duas equipes para atender a cada uma das instituições e desenvolver junto aos/as educandos/as um projeto comunicativo que respondesse aos seus interesses e desejos. Assim, em conversa com educadoras da ACAM, os/as estudantes identificaram o interesse dos/as jovens por esportes - especificamente futebol - e mídias como fotografia. Como esses tópicos foram previamente abordados em outros semestres, por outras turmas de Jornalismo Comunitário, o grupo optou pela abordagem cultural a partir de outra mídia da qual os/as educandos/as também manifestaram interesse - o áudio. Uma curiosidade revelada pela coordenadora-geral da entidade, Betânia Zahlouth, em conversa com a turma durante a disciplina, é que a comunidade é sede do maior baile funk de Florianópolis, o que permite compreender a forte ligação dos/as adolescentes atendidos/as pela entidade com o estilo musical e outros semelhantes, como *trap* e *rap*.

Em contato prévio com os/as educandos/as, foi identificada sua afinidade com os *podcasts* e um apreço por produtos em vídeo. As visitas aos laboratórios de áudio e vídeo resultaram em interações entusiasmadas, o que indicou que o esforço em os envolver com a produção de *videocasts* - ou seja, *podcasts* também gravados em vídeo e postados, geralmente, no YouTube - seria interessante.

As oficinas foram concebidas e idealizadas levando em consideração tanto a construção de conhecimentos adquiridos pelo grupo em trabalhos desenvolvidos em outros semestres junto à disciplina, (entre eles: entrevistas, produção de roteiros e registro fotográfico), como experiências pessoais de gravação e edição de conteúdos em áudio.

Com os/as educandos/as do CEDEP a conversa sobre as possibilidades de produção mais incipiente, afinal, o trabalho junto à instituição se iniciava nesse semestre e

não havia experiências anteriores que pudessem ser acionadas. Educandos/as e graduandos/as precisavam desvendar juntos/as os possíveis caminhos a percorrer. O único aspecto previamente definido era o formato pois, conforme mencionado, a OSC tinha o interesse em dar os primeiros passos para a criação de uma web rádio. Nos encontros discutiram-se os interesses temáticos e verificou-se que o esporte permeava as vivências na instituição, onde os/as adolescentes têm acesso às oficinas de futebol, capoeira, artes marciais, *skate*, circo, *mountain bike*, entre outras modalidades. Esta constatação, aliada ao fato de que no período dos encontros ocorria a Copa do Mundo de Futebol, levou à decisão de voltar as produções para estes conteúdos, mas não se restringiu ao esporte. A discussão sobre a Copa viabilizou pesquisas e discussões sobre cultura, costumes, etc.

Deste levantamento das necessidades e desejos dos dois grupos desprendem-se os primeiros aprendizados a respeito da implementação da comunicação comunitária como parte da formação de graduandos em Jornalismo: os grupos não são uniformes, cada um tem suas particularidades, intenções, potenciais e dificuldades. Como argumenta Nemer, as “generalizações são desrespeitosas com aqueles que encaram a opressão, já que tornam invisíveis a resistência e as batalhas de vida únicas que experimentam” (2021, p. 32). Para compreender essas singularidades é fundamental o diálogo horizontal, quebrando a hierarquia entre o conhecimento científico, gerado pela universidade, e o conhecimento advindo da experiência, da rua, da ancestralidade. Essa quebra se dá em vários sentidos, não só entre graduandos/as e educandos/as, mas dentro do grupo de graduandos/as e dentro do grupo dos/as educandos/as.

Neste ponto o trabalho das docentes ganha uma nova dimensão, se retira do centro da condução do diálogo, e assume um papel secundário de suporte e estímulo da troca, apoio na condução das atividades, restringindo-se a orientações pontuais, permitindo que graduandos/as e educandos/as assumissem o protagonismo. Ao tratar de elementos essenciais do trabalho docente, Paulo Freire (1996, p. 31) explica que “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando”. Para ele, “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (Freire, 1996, p. 31). Nesse sentido, as ações foram articuladas e desenvolvidas, respeitando e valorizando tanto o conhecimento dos/as estudantes como dos/as educando/as no processo, na busca por uma construção mais horizontal e participativa possível, capaz de promover a coletividade, de fato.

Os encontros no CEDEP focaram-se em introduzir a linguagem radiofônica, compartilhar conhecimentos sobre entrevistas, pesquisa e apuração, além de orientações

sobre locução e gravação de áudio. Todas as atividades combinavam a exposição de informações e a produção individual e coletiva. Como objetivo final, apresentou-se a possibilidade de gravar o primeiro programa de rádio da web emissora. O desafio dos encontros foi manter o engajamento de educandos/as com idades entre 11 e 13 anos que, apesar de interessados/as nas temáticas, não estavam habituados/as a este tipo de oficinas. Além disso, simultaneamente aos encontros, na instituição eram oferecidas oficinas de futebol, dança e *skate*; competir pela atenção frente a essas atividades foi uma grande empreitada. Uma saída encontrada foi mostrar a possibilidade de transitar por essas oficinas esportivas a partir da realização de coberturas. Este recurso permitiu valorizar seus conhecimentos nessas áreas através das produções desenvolvidas para o programa de rádio. Coletivamente, decidiu-se chamar o programa de Esporte na área - especial Copa 2022.

Na ACAM, os encontros semanais buscaram dar continuidade ao trabalho iniciado em semestres anteriores. Essa experiência prévia foi um facilitador não apenas para adentrar o espaço da instituição, como para fortalecer os vínculos criados e investir na confiança estabelecida na relação entre a universidade e a associação. As motivações e os interesses dos/as educandos/as atendidos pela ACAM foram considerados prioritários desde as primeiras interações com o grupo. Assim que foi identificada a relação dos/as jovens com o formato *podcast*, o grupo decidiu coletivamente por trabalhar nessa direção, buscando uma construção horizontal, como propõe a perspectiva freireana.

A escolha do nome do *podcast* - PODMoca - pode ser citada como um exemplo dessa interação dialógica. Após discussões em torno de possibilidades, houve o entendimento de que seria a melhor opção tendo em vista a sonoridade e facilidade do uso do termo, além da valorização da comunidade. Educandos/as da ACAM preferiram o formato de *videocast*, com a gravação de vídeo, talvez influenciados pelos exemplos que acompanham nas redes. Assim, nasceu o episódio piloto do PODMoca², que contou com a participação do artista Preto Lauffer, psicólogo social e autodenominado “traficante de poesias”. No dia combinado para a gravação, Lauffer não apareceu no local, conforme acertado antecipadamente. Estudantes encarregados/as da condução da oficina ficaram desconcertados/as, com receio de frustrar as expectativas criadas pelo grupo. No final da manhã, o artista contatou uma das estudantes informando que não pôde cumprir com o

² O vídeo pode ser consultado na íntegra neste endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=9hME5oB2nXg>
Acesso em: mar.2025.

compromisso pois foi abordado por policiais em operação no Morro da Mariquinha, durante seu deslocamento. Na semana seguinte, entretanto, ele esteve presente, conforme combinado. É preciso pontuar que o contratempo permitiu reflexões de diversas ordens com o grupo acerca da violência policial em comunidades vulnerabilizadas.

A conversa com Lauffer demonstrou-se produtiva, alcançando os objetivos propostos e superando as expectativas do trabalho. Na ocasião, ele respondeu as perguntas elaboradas pelos/as educandos/as e refletiu sobre sua trajetória, como catarinense, “negro e periférico”, nas suas palavras, nascido no litoral do estado, em Laguna, no Sul Catarinense. Na sua apresentação ao grupo, comentou também sobre as representações midiáticas hegemônicas e estereotipadas em torno das comunidades onde viveu, estabelecendo um paralelo imediato com as discussões teóricas da disciplina e reforçando a importância do papel da comunicação comunitária, como contraponto.

Uma das surpresas constatadas no dia da conversa com o artista foi perceber que cada educando/a chegou para o encontro com um papel em mãos, onde haviam registrado o roteiro de questões desenvolvidas por cada um para o convidado. A preparação para o encontro revelou o engajamento do grupo. Foi nítida a identificação, proximidade e relação de empatia estabelecidas entre entrevistado e entrevistadores, um dos momentos mais emocionantes e transformadores de todo o processo.

O cronograma de atividades da disciplina propunha dois momentos: o primeiro destinado a discussões teóricas em sala e preparação das atividades de campo e o segundo dedicado às atividades de campo. Para este segundo momento de encontros com do/as estudantes com as comunidades foram reservadas seis semanas. Uma das oficinas na ACAM ocorreu de forma remota sem prejuízo às atividades. O encontro abordou os processos e dinâmicas implicados na realização de entrevistas e roteiro para rádio/*videocast*, com exemplos que engajaram os/as educandos/as e estimularam a reflexão crítica. Sobre este aspecto destaca-se a necessidade de que os grupos estejam dispostos a fazer ajustes e concessões. Se no Jornalismo tradicional se trabalha em uma lógica muitas vezes distante da ideal, no Jornalismo Comunitário a flexibilidade e adaptação às condições técnicas, sociais, etc, são ainda mais marcantes.

Ainda em relação ao tempo, é preciso considerar as suas diversas dimensões. Reconhecer o tempo como uma dimensão central é fundamental, pois cada grupo gerencia suas necessidades e demandas de modo distinto. A duração de um semestre na Universidade, não é a mesma da vida e do trabalho em uma OSC que atua em uma comunidade periférica. O encontro desses tempos faz com que cada grupo avance de

forma distinta. Esse reconhecimento é fundamental para “aliviar a tensão”, principalmente dos/as graduandos/as, acostumados/as a criar limitados/as tanto pelos prazos da Universidade, como os do Jornalismo, onde o *deadline* apertado é uma constante.

No Jornalismo Comunitário, mais do que centrar-se no objetivo de concluir um produto, foca-se no processo, incluindo o tempo das relações. O trabalho de mais de cinco semestres na ACAM permite afirmar que o Jornalismo Comunitário não é frutífero sem a geração de vínculo, e este precisa de tempo para se consolidar. É a partir desse elo que se fortalecem as trocas e se efetiva a produção conjunta. É a partir do tempo de vínculo que se cria e recria. Para que o trabalho se consolide certamente será necessário muito mais que um semestre ou um ano, e essa dimensão deve ser considerada tanto pelas pessoas como pelas instituições envolvidas.

No que diz respeito às pessoas, vale salientar que na ACAM, inscreveram-se nas atividades sete educandos/as, sendo apenas uma menina. Entretanto, nem todos/as compareceram às oficinas. No dia da gravação, por exemplo, estavam presentes apenas quatro. A única menina inscrita participou de um único encontro, no início das atividades. No CEDEP se inscreveram 15 educandos/as, dos quais somente três eram meninas. Deste grupo cinco participaram de todos os encontros. Ainda que não seja o objetivo aqui fazer essa discussão, estes dados apontam para duas questões relevantes, que precisam ser mencionadas. Por um lado, verifica-se a dificuldade de adesão e comprometimento. Não são raros os relatos de educando/as e educadores/as sobre as dificuldades de permanecer no espaço escolar ou da OSC. Por outro, destacam-se as questões de gênero e suas implicações. Afinal, o recorte demonstrado na participação e adesão de educandos/as pode sugerir questões complexas, como o direcionamento das meninas para as tarefas domésticas e cuidados com a casa e a família, enquanto os meninos teriam mais possibilidades de desfrutar dos espaços de formação e lazer, como se configuram as entidades. Estes aspectos precisam ser melhor observados e analisados, com vistas inclusive de aprofundamento em futuros trabalhos.

A edição e a finalização dos materiais produzidos tanto na ACAM como no CEDEP foram feitas pelos/as graduandos/as, pois em nenhuma das instituições foi possível chegar ao ponto de compartilhar estas técnicas. Cada grupo de graduandos/as definiu os/as responsáveis por esta atividade tendo em conta sua familiaridade e desenvoltura com as técnicas e ferramentas de edição. Na ACAM, o trabalho resultou num vídeo com a duração de 10:36 que abre com uma vinheta desenvolvida pelos/as estudantes. Todas as imagens utilizadas no vídeo, incluindo as cenas da vinheta, foram produzidas pelos/as estudantes

no dia da conversa com Lauffer, com seus próprios aparelhos de celulares. No vídeo, educandos da ACAM conduzem a entrevista com o artista Preto Lauffer - alguns mais à vontade que outros, diante da câmera. Na conversa, Lauffer comenta a sua trajetória num dos primeiros grupos de *rap* em Santa Catarina e sua participação em projetos da Central Única das Favelas (CUFA).

Do processo vivenciado em atividades de campo, ao longo de seis semanas, o percurso, os aprendizados são o grande ganho, o produto final é uma consequência dessa caminhada. Sempre existirão limitações. Por esta razão, ao iniciar o trabalho nas instituições, o objetivo de concluir o semestre com um produto final acabado é apresentado como uma possibilidade. Ainda assim, em todos estes semestres de trabalho, os produtos sempre foram concluídos e entregues à comunidade. Muitas vezes, o resultado foi distinto do imaginado inicialmente, na grande maioria dos casos, o que se alcançou superou as expectativas iniciais. No semestre em questão, a proposta inicial no CEDEP era produzir um único programa, no entanto, a apuração e as entrevistas realizadas permitiram editar dois programas de seis minutos. Cada programa contou com três blocos, um dedicado a boletins com curiosidades sobre alguns países participantes, outro com entrevistas e o último com o relato de um gol marcante em um jogo do Brasil.

Sobre a produção e a efetiva conclusão de um produto, destaca-se, ainda, que há uma íntima relação com a estrutura e as tecnologias disponíveis. Tanto a ACAM como o CEDEP contam com um laboratório de informática, equipado com vários computadores pessoais e/ou notebooks conectados à internet e um projetor. Contudo, a sede da ACAM nunca foi utilizada para os encontros da disciplina, pois a comunidade vive constantes intervenções policiais e avaliou-se junto à instituição que levar os/as graduandos/as para o espaço poderia colocá-los em risco. Ainda assim, sempre que possível é feita uma visita à sede e uma das atividades do semestre é desenvolvida ali. Como alternativa para levar adiante o projeto, a ACAM firmou parcerias com outros espaços próximos ao Morro do Mocotó. No segundo semestre de 2022 o trabalho se desenvolveu na sede do projeto socioesportivo Eu Faço a Minha Parte.

No CEDEP, além do laboratório, nomeado por eles como sala de Educomunicação, em julho de 2022, iniciou-se a instalação do estúdio de rádio. O espaço conta com um computador com *softwares* específicos para gravação, edição de áudio e transmissão ao vivo, acesso à internet, dois microfones profissionais e dois fones de ouvido. A pequena sala comporta a presença de três pessoas simultaneamente e não possui isolamento acústico. A rádio foi instalada ao lado da cozinha da instituição e, em praticamente todas

as gravações feitas no espaço, ouvem-se ao fundo barulhos de painéis e conversas. Assim, embora houvesse equipamentos disponíveis, foi necessário fazer adaptações, reinterpretar a tecnologia (Nemer, 2021). Uma das saídas encontradas foi gravar com os celulares dos/as graduandos/as, o que também não permitiu um registro em boa qualidade. Esta foi uma das críticas feitas ao produto final que, embora tivesse uma boa qualidade na apuração, no conteúdo e na locução, se viu prejudicado no momento da gravação.

Considerações finais

O ecossistema de desinformação gerado nos últimos anos no Brasil e no mundo, reforçou a importância do Jornalismo e seu compromisso com a democracia. No contexto brasileiro, há especificidades a serem necessariamente consideradas. Como afirma Meditsch (2023, s/p.), em nosso país, “a desinformação é histórica e estrutural”. Para ele, “só um jornalismo educador, no sentido freireano, pode incluir a maioria excluída do universo dos cidadãos bem informados” (Meditsch, 2023, s/p.). Para o autor, essa mudança de cenário depende necessariamente de um incentivo à comunicação popular e comunitária.

Corroborando com a defesa de Meditsch (2023), acredita-se que esse tipo de prática deve ser estimulada e fortalecida não somente no campo dos movimentos sociais, mas dentro das Universidades, em especial nos Cursos de Comunicação e Jornalismo. Este texto centrou-se na experiência da disciplina Jornalismo Comunitário, oferecida na UFSC, num estado onde são poucas as iniciativas jornalísticas que partem dessa perspectiva, o que a torna ainda mais significativa no processo de aprendizagem durante a formação.

Ao buscar responder o questionamento norteador da discussão, procurou-se compartilhar questões que foram centrais tanto na esfera do ensino do Jornalismo Comunitário como na prática cidadã. Embora esta experiência esteja limitada a Florianópolis (SC), acredita-se que o percurso compartilhado pode contribuir com a implementação de projetos em outros lugares e espaços, servindo de inspiração para experiências semelhantes.

A aproximação entre a universidade e a sociedade possibilitou ampliar o escopo da formação e capacitar as comunidades para que liderem a criação de produtos de comunicação. Dessa forma, a comunicação se torna um instrumento de transformação social, reafirmando o direito constitucional à informação. A inserção dos/as estudantes do Curso de Jornalismo nas referidas comunidades representou tanto a possibilidade de

enfrentar, na prática, os desafios da comunicação comunitária, quanto a promoção de uma formação mais humana, múltipla e diversificada. Para muitos/as alunos/as, esse trabalho de campo significou a primeira aproximação com uma área periférica e seus/suas habitantes, despertando um olhar mais empático no exercício da responsabilidade social implicada nos fazeres jornalísticos (Ijuim, 2009; Medina, 1982). A experiência leva a concluir que, independentemente do caminho escolhido de modo individual por cada estudante após a graduação, a disciplina pode ser transformadora, pois permite ressignificar não apenas o olhar e os sentidos sobre essas comunidades socialmente vulnerabilizadas. Contempla, sobretudo, a possibilidade de uma revisão sobre a postura profissional.

Independentemente da trajetória profissional futura, tal vivência instiga a ponderação a respeito da sua atuação profissional, mesmo que ela esteja condicionada aos interesses, complexidades e dilemas dos grandes grupos de comunicação tradicionais. A mudança na representação das comunidades empobrecidas e periféricas, habitualmente mostradas como territórios violentos e reduzidos a múltiplas ausências; assim como a abertura de espaço midiático para que divulguem suas experiências e saberes, não cabem unicamente ao Jornalismo Comunitário, mas ao Jornalismo enquanto instituição, respondendo ao seu compromisso social.

Todavia, a experiência com o Jornalismo Comunitário em contexto acadêmico contribui para que os/as estudantes compreendam o papel estratégico da comunicação na construção da cidadania. Como enfatiza Freire (1996), a comunicação dialógica é essencial para a formação crítica, permitindo que a informação circule de maneira democrática e plural. Dessa forma, ao vivenciarem essas práticas, os/as futuros jornalistas são instigados/as a questionar e reavaliar o modelo hegemônico da mídia tradicional, compreendendo a necessidade de um Jornalismo mais inclusivo, participativo e comprometido com a justiça social.

Portanto, a valorização do Jornalismo Comunitário dentro das universidades não apenas fortalece o campo da comunicação popular, mas contribui para a formação de profissionais mais preparados para atuar em uma sociedade marcada por desigualdades estruturais. A continuidade dessas iniciativas, aliada ao incentivo de políticas públicas voltadas à democratização da comunicação, pode ampliar o alcance desse trabalho e consolidar uma prática jornalística que efetivamente cumpra seu papel social e democrático.

Referências

- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 10ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. SP. 3ª ed. Civilização Brasileira, 2002.
- CANELLA, Francisco. Novos parâmetros da ação coletiva numa localidade do bairro Monte Cristo - Florianópolis (2005 - 2010). In: **PerCursos**, Florianópolis, v.14, n.27, p. 242 -270. jul/dez.2013. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724614272013242>. Acesso em: 13 mar. 2025.
- FREIRE, Paulo. (1996; [1997], 2004). **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GONSALEZ, Alexandra. **Jornalismo Comunitário**. São Paulo: Contexto, 2022.
- IJUIM, Jorge Kanehide. A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. In: **Em Questão**, v. 15, n. 2, p. 31-43, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/9051>. Acesso em: 13 mar. 2025.
- MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista**: responsabilidade social. Rio de Janeiro: Fonrense-universitária:1982.
- MEDITSCH, Eduardo. É fundamental comunicar-se com os excluídos. *Correio Braziliense*, 26 jan 2023. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/opinia o/2023/01/5068932-artigo-e-fundamental-comunicar-se-com-os-excluidos.html> Acesso em: 13 mar. 2025.
- NEMER, David. **Tecnologia do oprimido**: desigualdade e o mundo digital nas favelas do Brasil. Vitória: Editora Multifontes, 2021.
- OTRE, Maria Alice Campagnole. **Comunicação popular, alternativa e comunitária**: Um olhar sobre os 40 anos de pesquisas no Brasil. São Paulo: Fundação Juscelino Kubitschek, 2016.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Fundamentos Teóricos da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa**. Vitória: EDUFES, 2024. 266p. Coleção Pesquisa UFES, v.58. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/3400f8b7-1354-421b-b1da-8e75a459b740/content> Acesso em: 13 mar. 2025.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. In: *ECO-Pós*, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p.46-61. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrrj.br/eco_pos/article/download/947/887 Acesso em: 13 mar. 2025.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**, vol.1 nº1, junho 2007. Disponível em: <https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/201/196> Acesso em: 13 mar. 2025.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/b85f/f21fe1af68936a0333f96599b612f30edca5.pdf> em: 13 mar. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Projetos e ações no Maciço do Morro da Cruz, 2008. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/07_12_2009_17.54.05.21d784d2f1c7f6374536382850dda3da.pdf. Acesso em: 13 mar. 2025.

SUGAI, Maria Inês. **Segregação silenciosa**: investimentos públicos e distribuição sócio-espacial na área conurbada de Florianópolis. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/82770>. Acesso em: 13 mar, 2025.

UNESCO. **Um mundo e muitas vozes**: Comunicação e informação na nossa época. Rio de Janeiro: FGV, 1983.

DADOS DE PUBLICAÇÃO

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Todas as autorias contribuíram substancialmente

AGRADECIMENTOS

Nosso agradecimento às instituições parceiras que tornaram possível a realização desta experiência, em especial à Universidade Federal de Santa Catarina, por meio do Curso de Jornalismo, e às organizações da sociedade civil Associação de Amigos da Criança e do Adolescente do Morro do Mocotó (ACAM) e Centro de Educação Popular (CEDEP), pela abertura ao diálogo e pelo compromisso com práticas socioeducativas transformadoras.

Agradecemos, de maneira especial, às educandas e aos educandos que participaram ativamente das atividades, compartilhando saberes, experiências e visões de mundo. Seu envolvimento e protagonismo foram fundamentais para a construção coletiva deste trabalho, reafirmando o sentido da comunicação como prática dialógica, nos termos propostos por Paulo Freire.

Por fim, estendemos nosso reconhecimento às/aos estudantes de Jornalismo envolvidos/as na disciplina, bem como às/aos profissionais e educadores/as das instituições parceiras, cuja dedicação e compromisso social foram essenciais para o desenvolvimento das ações e para o fortalecimento dos vínculos entre universidade e comunidade.

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Todo o conteúdo argumentativo foi desenvolvido integralmente pelas autoras.

FINANCIAMENTO

Sem financiamento

CONFLITO DE INTERESSES

As pessoas autoras declaram não haver interesses conflitantes.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA E OUTROS MATERIAIS

A pesquisa não possui dados. O artigo não contém dados coletados ou obtidos por meio de análises a partir de fontes primárias (exemplos: artigo teórico, ensaio reflexivo e resenha).

LICENÇA DE USO

As autorias cedem à revista Estudos em Jornalismo e Mídia os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença [Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem

a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. As autorias têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em *site* pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade das pessoas autoras, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Daiane Bertasso Ribeiro
Flávia Garcia Guidotti
Rogério Christofolletti

HISTÓRICO

Recebido em: 19-03-2025
Aprovado em: 17-03-2026
Publicado em: 22-06-2026